

Lesbianidades, afeto e negritude: Representatividades femininas em recentes produções audiovisuais¹

Isabela Xavier MARQUES²

Lílian Barbosa CORDEIRO³

Raabe BASTOS⁴

Gabriela Santos ALVES⁵

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

O artigo busca evidenciar representatividades femininas em recentes produções audiovisuais ligadas à lesbianidade, ao afeto e neurodiversidade e a corpos negros. As obras analisadas são a telenovela *Vai na fé* (2023, de Rosane Svartman), a ficção seriada *Modern Love* (2019, de Sharon Horgan et al.) e o longa-metragem *Marte Um* (2022, de Gabriel Martins). A metodologia adotada é a análise fílmica, essencial para compreender a importância de expandir a representação de corpos femininos em produções audiovisuais. As reflexões se mostram pertinentes nos estudos da Teoria e Crítica Feminista Contemporâneas e os Estudos das Audiovisualidades.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Representatividades; Audiovisual; Identidades femininas; Ficção seriada.

1. Clara e Helena: práticas e identidades lésbicas em “Vai na fé” (2023)

A importância de relacionar as telenovelas brasileiras com as homossexualidades femininas advém da urgência do debate a respeito das construções que acontecem nas sexualidades e nos gêneros, percebendo as composições que estabelecem o que é permitido ou vetado nas lesbianidades. Compreender os corpos lésbicos nas veiculações da dramaturgia do Brasil diz sobre possibilitar entendimentos da composição do sistema cisheteronormativo que oportuniza ou não o desenvolvimento de (Wittig, 2022), é o atentar-se para a lógica binária em seus efeitos –

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação antirracista, pensamento afrodiáspórico e interseccionalidades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Estudante de graduação do curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bolsista CNPq de Iniciação Científica no edital 2024. Email: isabelaxaviermarques@gmail.com

³ Estudante de graduação do curso de Comunicação Social - Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bolsista FAPES. E-mail: lilian.cordeiro@edu.ufes.br

⁴ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); foi bolsista Fapes de Iniciação Científica no edital 2023/2024. Email: raabebastos19@gmail.com

⁵ Professora do Departamento de Comunicação Social e Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ). Orientadora do trabalho e das pesquisas de Iniciação Científica. Email: gabriela.alves@ufes.br

a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão (Butler, 2018). Os domínios da domesticação política, social e econômica passam pela sexualidade (Butler, 2018), e estes não estão apenas nas instituições como a medicina, a jurisdição e a igreja, na contemporaneidade a mídia tem ação primeira quando a respeito de controle, pois, em lugar de privilégio, pode ditar uma infinidade de noções que tocam as sexualidades.

Ao apresentar-se como tradutora ou refletora da realidade (Lopes, 2009), as narrativas transmitidas são também propositoras de crenças e comportamentos, designando a televisão como produção coletiva de imaginários, um meio que propõe desejos, fantasias, ideologias e sensações (Lopes, 2002).

Transmitida em 2023, a telenovela “Vai na Fé” (2023), de Rosane Svartman, veiculou o relacionamento de Clara (Regiane Alves) e Helena (Priscila Sztejnman), elas se conhecem na academia onde Helena é personal trainer. Ao longo do folhetim, as mulheres começam um relacionamento afetivo-sexual, a partir da história é possível a averiguação de questões a respeito da lesbianidade enquanto prática e identidade.

Na narrativa, tem-se a noção de que Clara se apega a Helena porque está em uma casamento tóxico e precisa de apoio emocional, colocando a ideia de que relacionamentos entre mulheres acontecem apenas quando o relacionamento de alguma delas com um homem termina, portanto, sendo vinculado, novamente, ao masculino, como se não houvesse maneira de vivência fora dele.

No dia 6 de junho de 2023, iria ao ar o primeiro beijo das personagens enquanto namoradas, porém, o afeto foi cortado do capítulo. Na manhã seguinte ao acontecido, nas redes sociais, a hashtag #GloboHomofóbica esteve entre os assuntos mais comentados, os fãs da telenovela, os movimentos LGBTQIA+ e até mesmo parte do elenco de “Vai na fé” acusaram a emissora de censurar um beijo lésbico. Após a repercussão, um selinho foi transmitido.

Observar as configurações dos relacionamentos entre mulheres nas telenovelas brasileiras trata-se de olhar de forma crítica aos seus pressupostos, a forma como se qualificam em termos de um discurso político significativo, entendendo o que elas estabilizam ou não no que se refere aos corpos em suas possibilidades e materialidades. Da mesma forma, se torna observável o recorte a respeito das lesbianidades postas nas telenovelas: as mulheres são brancas, com idades entre 30 e 40 anos, da classe média do Rio de Janeiro, cisgêneros, apresentando comportamentos esperados de indivíduos tidos

como femininos. Portanto, tem-se o questionamento a respeito de representatividade, os marcadores sociais desses corpos não dizem sobre a totalidade das vivências lésbicas, de maneira a se fazer pensar as experiências de mulheres que se relacionam com mulheres, analisando, de forma interseccional, para além de gênero e sexualidade, raça e classe.

2. Afeto e neurodiversidade: uma reflexão sobre a personagem Lexi no seriado Modern Love

Com o intuito de debater acerca do preterimento afetivo na vida de mulheres, esta seção se dedica à reflexão no âmbito da neurodiversidade. Partindo do entendimento de que as relações de afeto não são acessadas por todas as pessoas da mesma maneira devido aos contextos que perpassam faixa etária, sexualidade e raça, neste momento a análise será, sobretudo, acerca da neurodivergência.

As diferentes formas de interação com o mundo acarretam em vivências específicas que podem fugir à norma. Alicerçado nisso, a socióloga Judy Singer (1999) expõe em seus estudos o termo “neurodiversidade” com o intuito de denominar a grande gama de composições neurológicas que abrange todas as pessoas. Dessa forma, o termo proposto entende que a neurodivergência existe devido à concepção de um olhar neunormativo.

Dessa forma, Singer alcunhou o termo neurodiversidades a fim de abarcar todas as características presentes no desenvolvimento neurológico, contradizendo concepções prévias de normatividade. Afinal, para a socióloga, apesar do padrão social normativo excluir as neurodivergências, elas também fazem parte das numerosas maneiras de experienciar o mundo e de serem afetadas por ele.

Sob esse viés, tratando a comunicação bem como a representatividade de corpos marginalizados como importantes aliadas na concepção das relações de afeto entre pessoas neurodiversas, as autoras Dutra e Monteiro (2020) discorrem acerca da responsabilidade em representar transtornos psicológicos em canais midiáticos.

Dentro da ficção, personagens que possuem algum tipo de transtorno psicológico são tratados apenas como entretenimento, tendo papéis violentos ou cômicos, [...] justificados pelas doenças; e representados como desprovidos de direitos, sem identidade social, ou seja, seus traços característicos se limitam ao transtorno que possuem e não são tidos como um indivíduo em si e socialmente funcional. (DUTRA, MONTEIRO, 2020, p. 161, apud, PINTO, 2023)

Desde a glamourização a retaliação comumente assistidas nos produtos audiovisuais, no que tange às representações da pessoa com transtorno neurológico, esta seção traz à discussão o seriado *Modern Love* (2019) como objeto de análise do tema.

Na série, a personagem Lexi, presente no terceiro episódio da primeira temporada “*Take Me as I Am, Whoever I Am*” (“Me Aceite Como Eu Sou, Quem Quer Que Eu Seja”) traz em sua narrativa a condição do Transtorno Afetivo Bipolar.

Nesse contexto, a trama assume inicialmente o traço romântico da protagonista que está em uma busca desesperada por afeto. Sua personalidade vibrante é apresentada através de artifícios da direção de arte e de fotografia que podem ser observados tanto no figurino de Lexi bem como nos espaços que ela ocupa. O uso de cores quentes, brilhosas e até a escolha de uma cena musical são usados para representar um dos extremos de Lexi.

No entanto, à medida que o roteiro assume a complexidade da protagonista, a narrativa fica densa e o comportamento de Lexi se altera por completo. A escolha da direção ao explicar o que ocorre na mente de Lexi durante suas oscilações vem através de uma metáfora sobre o tempo. Com o auxílio do artifício “time lapse” a obra mostra um plano fechado dos pêssegos em seu processo de apodrecimento. Apesar da ausência de Lexi neste plano, o telespectador sente sua presença pela escolha sensível ao abordar a percepção de tempo da protagonista durante a oscilação maníaco-depressiva.

Durante a fase depressiva de Lexi, a direção de arte abandona as cores vibrantes e o “*glitter*” assumindo tons de cinza no figurino, além disso, a direção de fotografia (Yaron Orbach) trabalha com a iluminação baixa e a escolha de planos mais longos com menos movimentos de câmera, diferente da cena musical no início do episódio. Nesse momento da trama, Lexi não sai da sua cama e permanece sozinha por dias em seu quarto escuro.

Fugindo da intenção de romantizar a bipolaridade, a série cuidadosamente dosa as emoções que são transmitidas ao longo da trama sempre evidenciando a importância da representatividade midiática coerente. Sobretudo, a reflexão trazida por Singer se mostra capaz de auxiliar na construção de uma sociedade menos pautada no olhar normativo, abraçando as diversas maneiras de viver coletivamente a própria individualidade.

3. Eunice e Tércia: Representação de mulheres negras no cinema contemporâneo de Marte Um

Esta seção propõe discutir as representações de uma mulher negra no audiovisual contemporâneo brasileiro a partir do filme "Marte Um". No que tange a representação da mulher negra nas produções televisivas e cinematográficas do país, o que encontramos é um show de estigmatização, a elas são destinadas, majoritariamente, personagens subalternas, subservientes, marginalizadas e sexualizadas.

Os negros são representados de maneira estereotipada como se isto fosse uma verdade dada a priori e aceita pela sociedade como justificativa para admitir que a inferioridade dos negros parece ser incontestável. (PEREIRA; GOMES, 2001, p. 49)

Campos e Feres Júnior (2015) elaboraram um levantamento acerca da presença de atores e atrizes negras no elenco principal das telenovelas da Rede Globo entre os anos de 1985 e 2014. O estudo demonstrou que o número de profissionais negros(as) era de menos de 10%, sendo que o percentual de atrizes negras foi o menor: 3,8%.

Nesse contexto que se destaca o longa-metragem mineiro Marte Um (2022), de Gabriel Martins, filme contemporâneo da produtora independente Filmes de Plástico, que se consagrou como o maior vencedor do 23º Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, conquistando 8 troféus.

No longa, acompanhamos o dia a dia da família Martins, uma família negra de classe média baixa da periferia de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. O longa foge dos estigmas impostos para se dedicar ao cotidiano da família Martins, abordando o simples: emprego, contas para pagar e futebol para assistir. É neste âmbito que se destacam as personagens femininas Tércia e Eunice, mãe e filha, mulheres negras inseridas numa mesma realidade marcadas por diferentes gerações.

A personagem de Rejane Faria é um conjunto de todas as preocupações que tem uma chefe de família, ao mesmo tempo que cuida da casa, se preocupa com o trabalho e media os conflitos dos filhos e do marido. Tércia é um catalisador que absorve a tensão de todos da casa, esquecendo muitas vezes de cuidar de si. Em certo momento do longa, a personagem chega a um nível de abalo que a faz acreditar estar atraindo coisas ruins. Um reflexo do mal estar por não conseguir dar conta do que antes suportou.

Já em Eunice, temos uma jovem que quer sair de casa para viver seus sonhos. Eunice está numa universidade e busca alcançar uma realidade diferente da que cresceu, reação de uma geração com objetivo de superar seus pais. Ela se questiona do porquê

assumir certos papéis, como os afazeres de casa, enquanto sua mãe afirma “eu tenho prazer em fazer isso, eu gosto de cuidar de vocês”. Eunice é tida por seu pai como uma moça de “ideias revolucionárias”, que assumiu um namoro com outra menina e quer sair de casa. Com todas as possibilidades que Eunice é, o diretor e roteirista Gabriel Martins, alcança uma gama de jovens da periferia que não se enquadram naquela imagem sexualizada e marginalizada a que foram acostumadas a assistir.

É através dessas personagens que o filme apresenta os diversos aspectos que permeiam a vida de uma mulher negra no Brasil, entendendo seus contextos sociais e culturais em um país edificado pelo patriarcado e, principalmente, pelo racismo. O racismo é consequência da própria estrutura social que foi edificando o Brasil durante todos esses anos. De modo que é algo normal, em todas as esferas que compõem nossa sociedade, sejam elas econômicas, jurídicas, políticas e familiares (ALMEIDA, 2019). *Marte Um* se dedica às interseccionalidades desse corpo em busca de uma representação que exprime as experiências reais de meninas e mulheres negras do país, para que possamos repensar o lugar delas no audiovisual brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- CAMPOS, L. A.; FERES JÚNIOR, J. **Televisão em cores?: raça e sexo nas telenovelas “Globais” dos últimos 30 anos**. Rio de Janeiro, n. 10, p. 1-23, 2015.
- DUTRA, A. C. M. **A Glamourização de Transtornos Psicológicos na Mídia**. Fotografia e Audiovisual: Imagem e Pensamento. Recife, v. 1, 245 p. 160 - 174, 2020.
- LOPES, Maria I. **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. Loyola, 2004.
- Marte Um**. Gabriel Martins. Filmes de Plástico, 2022. **Modern Love**. John Carney. Amazon Prime Video, 2019. **Vai na fé**. Rosane Svartman. TV Globo, 2023.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida; **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos a cultura brasileira**. Belo Horizonte: Mazza Edições, PUC Minas, 2001.
- SINGER, J. **Odd People In: The Birth of Community Amongst People on the “Autistic Spectrum”**: a personal exploration of a New Social Movement based on Neurological Diversity. Tese. University of Technology, Sydney, 1998.
- WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Autêntica, 2022.